

Um estudo sobre os possíveis aspectos associados à violência nos relacionamentos amorosos

Un estudio sobre los posibles aspectos asociados a la violencia en las relaciones amorosas

A study on the possible aspects associated with violence in romantic relationships

Maria Luisa Cavalcanti Pinto¹ 
Beatriz Moreira Alcântara de Siqueira² 
Daniel Belian Saraiva³ 

Juliana Cavalcanti de Souza⁴ 
Mônica Cristina Batista de Melo⁵ 
Melissa Neves Garcia⁶ 

¹Autora para correspondência. Faculdade Pernambucana de Saúde (Recife). Pernambuco, Brasil. marialuisa.cavalcanti10@gmail.com

²⁻⁶Faculdade Pernambucana de Saúde (Recife). Pernambuco, Brasil. beatrizmoreirasiq@gmail.com, danielbsar@hotmail.com, julianaa.csouzaa@gmail.com, monicamelos@fpa.edu.br, melissagarcia@gmail.com

RESUMO | INTRODUÇÃO: Existem diferentes tipos de relacionamento, dentre eles está, o relacionamento amoroso, que pode se tornar abusivo. Esse fenômeno é atravessado por questões, dentre elas está a herança de uma sociedade machista e patriarcal que se perpetua nas dinâmicas relacionais. Em frente a essa realidade, medidas legais já estão sendo implementadas, dentre elas está a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio. **OBJETIVO:** O estudo visa conhecer a percepção das mulheres sobre os possíveis aspectos desencadeadores da violência e/ou abuso dentro de um relacionamento amoroso. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo qualitativo, com 118 participantes que sofreram violência dentro do relacionamento amoroso. **RESULTADO E DISCUSSÃO:** Na análise das falas das vítimas, foram identificados diferentes aspectos relacionados à violência em relacionamentos amorosos, que incluem: ciúme, uso abusivo de álcool, culpabilização das vítimas, machismo, patriarcado, viver um relacionamento abusivo, transgeracionalidade de comportamento, personalidade dos agressores, presença de algum transtorno mental nos agressores, narcisismo, dependência emocional, preconceito e falta de educação sexual. Assim, a partir desses aspectos é notório que para as vítimas existe uma extensa multifatorialidade para a incidência da violência. **CONCLUSÃO:** Percebe-se que a violência dentro dos relacionamentos amorosos é um fenômeno complexo e multifacetado. Dessa maneira, compreender a multifatorialidade de aspectos associados a violência é necessário para a construção de estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Familiar. Conflito Conjugal. Violência Contra Mulher.

RESUMEN | INTRODUCCIÓN: Existen diferentes tipos de relaciones, entre ellas la relación amorosa, que puede volverse abusiva. Este fenómeno está atravesado por diferentes cuestiones, entre ellas la herencia de una sociedad machista y patriarcal que se perpetúa en las dinámicas relacionales. Ante esta realidad, ya se han implementado medidas legales, entre ellas la Ley Maria da Penha y la Ley de Feminicidio. **OBJETIVO:** El estudio busca conocer la percepción de las mujeres sobre los posibles factores desencadenantes de la violencia y/o el abuso dentro de una relación amorosa. **MÉTODO:** Se trata de un estudio cualitativo con 118 participantes que sufrieron violencia dentro de la relación amorosa. **RESULTADOS Y DISCUSIÓN:** En el análisis de los testimonios de las víctimas, se identificaron diferentes aspectos relacionados con la violencia en las relaciones amorosas, entre ellos: los celos, el consumo abusivo de alcohol, la culpabilización de las víctimas, el machismo, el patriarcado, vivir una relación abusiva, la transgeneracionalidad del comportamiento, la personalidad de los agresores, la presencia de algún trastorno mental en los agresores, el narcisismo, la dependencia emocional, el prejuicio y la falta de educación sexual. Así, a partir de estos aspectos, es evidente que para las víctimas existe una amplia multifactorialidad en la incidencia de la violencia. **CONCLUSIÓN:** Se percibe que la violencia en las relaciones amorosas es un fenómeno complejo y multifacético. De este modo, comprender la multifactorialidad de los aspectos asociados a la violencia es necesario para la construcción de estrategias eficaces de prevención e intervención.

PALABRAS CLAVE: Violencia Familiar. Conflicto Conyugal. Violencia Contra la Mujer.

ABSTRACT | INTRODUCTION: There are different types of relationships, including romantic relationships, which can become abusive. This phenomenon is influenced by various factors, among them the legacy of a sexist and patriarchal society that persists in relational dynamics. In response to this reality, legal measures have already been implemented, including the Maria da Penha Law and the Femicide Law. **OBJECTIVE:** The study aims to understand women's perceptions of the possible triggering aspects of violence and/or abuse in a romantic relationship. **METHOD:** This is a qualitative study involving 118 participants who experienced violence within romantic relationships. **RESULTS AND DISCUSSION:** In the analysis of the victims' statements, different aspects related to violence in romantic relationships were identified, including jealousy, abusive alcohol use, victim-blaming, machismo, patriarchy, experiencing an abusive relationship, transgenerational behavior, the aggressors' personality, the presence of mental disorders in aggressors, narcissism, emotional dependence, prejudice, and lack of sexual education. Thus, it is evident that victims perceive a broad multifactorial nature in the occurrence of violence. **CONCLUSION:** It is evident that violence within romantic relationships is a complex and multifaceted phenomenon. Therefore, understanding the multifactorial aspects associated with violence is essential for the development of effective prevention and intervention strategies.

KEYWORDS: Family Violence. Marital Conflict. Violence Against Women.

Introdução

A violência sofrida em relacionamentos amorosos pode impactar profundamente a vida das vítimas, influenciando diferentes aspectos de sua experiência dentro de uma relação amorosa (Magalhães et al., 2022). Diante disso, o estudo tem como objetivo compreender a percepção de mulheres que vivenciaram violência e/ou abuso em relacionamentos amorosos, buscando conhecer possíveis aspectos que, segundo suas experiências, estão presentes nessa realidade.

Dessa forma, pode-se entender o relacionamento como um movimento de constante interação e criação de vínculos entre duas ou mais pessoas (Zibenberg & Fonseca, 2023), podendo configurar-se como uma amizade, um relacionamento conjugal ou amoroso. O primeiro é definido como uma forma de aprendizado por meio das relações interpessoais, das habilidades sociais, e dos ciclos que ocorrem no decorrer da vida (Moraes Filho et al., 2019); já o conjugal, é compreendido como um processo dinâmico entre duas pessoas que juntas constroem a sua identidade conjugal e uma vida a dois no entrelaçamento das individualidades (Schuster, 2009 como citado em Haack & Falcke, 2020); enquanto, o amoroso, consiste em uma forma de se relacionar amorosamente com alguém e dentre esses tipos estão o namoro, casamento, e o "ficar"¹. Sabe-se que existem formas e dinâmicas interacionais de relacionamento. Quanto às formas interacionais, um relacionamento pode ser ou se tornar abusivo (Costa & Modesto, 2020).

O relacionamento é considerado abusivo quando um sujeito tenta exercer o controle sobre o outro dentro da relação. Ao juntar a palavra "relacionamento" e "abusar" produz-se um termo que denota atitudes de aproveitar-se do outro a partir de práticas que causam ou podem causar danos. O relacionamento abusivo consiste em uma relação que causa prejuízo a um ou a ambos os sujeitos a partir da existência de um vínculo entre eles. Expressa-se através de intimidações, humilhações, desqualificação, necessidade de controle da vítima e/ou por meio de outros tipos de violências, sejam elas, físicas, morais e/ou psicológicas (Zibenberg & Fonseca Costa, 2023).

Um relacionamento abusivo pode ser atravessado por diversas questões, como a dependência emocional, financeira e no aprisionamento de subjetividades. Em algumas situações, a pessoa que é vítima desse tipo de relação demora a entender o que vive, pois, a dinâmica que resulta desse tipo de relação acontece de forma lenta e silenciosa. Dessa forma, a idealização de um relacionamento perfeito sobrepõe as agressões e a vítima acaba por tentar mascarar o viver, acreditando que o perpetrador irá mudar, levando-a a aceitar coisas que não são consideradas saudáveis (Haack & Falcke, 2020).

A literatura descreve o tipo de padrão de comportamento presente na relação abusiva como: comportamento controlador, disfarçado de proteção; intensidade e expectativas que se elevam em um curto período (Gomes & Assunção, 2021). Dentro desses relacionamentos existe um ciclo de abuso que é composto por fases: 1) tensão do relacionamento; 2) desentendimentos; e 3) culpabilização da vítima. A segunda fase é caracterizada pela explosão da violência, sendo também a fase mais curta. A terceira fase é entendida como lua de mel: nela, o abusador mostra-se arrependido, fazendo promessas para que tentem minimizar o que aconteceu (Gomes & Assunção, 2021).

¹N.A.: O "ficar", pode ser entendido como uma forma atual de se relacionar com uma pessoa amorosamente, se caracterizando por ser um tipo de relacionamento mais livre (Costa & Modesto, 2020).

Socialmente, as vítimas são colocadas em situações desconfortáveis quando são confrontadas por não deixar o relacionamento, porém existem muitos aspectos que precisam ser considerados nesses casos, uma vez que o rompimento desse tipo de relação não é fácil. Nesse sentido, as questões que perpassam esse tipo de situação podem ser relacionadas a questões sociais como renda familiar, moradia, alimentação, na qual o abusador é geralmente o provedor, bem como por questões emocionais, quando pode se verificar o medo de terminar a relação, devido a comportamentos de perseguição, assédio, ameaça e invasão de privacidade por parte do parceiro. Dentre os fatores de risco para vivenciar um relacionamento abusivo estão a família de origem, com dinâmica familiar conflituosa, influências sociais e aspectos de âmbito individual (Magalhães et al., 2022).

Dessa maneira, a literatura afirma que o perfil do agressor se relaciona com questões de uso abusivo de substâncias, baixa escolaridade, ter presenciado algum tipo de violência, além de apresentar um controle e ciúme excessivo na sua personalidade. Em relação ao perfil da vítima, as mulheres que presenciaram suas mães sendo agredidas têm maiores chances de viver um relacionamento abusivo. No entanto, o fenômeno da violência contra a mulher perpassa vários espaços, como diferentes classes sociais, origens, regiões, escolaridade, idade, orientação sexual, dentre outros aspectos (Magalhães et al., 2022).

Sabe-se que a cultura influencia a forma como se desenrola um relacionamento. Por isso, muitas vezes o machismo, entendido como um conjunto de ideias que são produzidas com o objetivo de diminuir o gênero feminino e reforçar o patriarcado, colocando o homem na figura de poder dentro das relações, são apontados como elementos que impõem uma desigualdade entre gêneros e que contribuem para como se formam as relações (Magalhães et al., 2022).

Anteriormente, quanto aos papéis sociais, a mulher ocupava um lugar de mãe, esposa e responsável pelos afazeres domésticos. Entretanto, esse papel foi e está sendo retirado de foco, apesar de ainda existir esse tipo de comportamento (D'Agostini et al., 2021). Atualmente, a mulher assume um duplo papel: além da atividade profissional, mantém ainda a responsabilidade das atividades domésticas que, muitas vezes, tornam-se invisíveis e pouco reconhecidas, contribuindo para que as relações de poder no âmbito familiar se tornem assimétricas entre os sexos.

Dessa forma, a desigualdade de gênero no Brasil é baseada em um sistema patriarcal da sociedade, herança de um período colonial, no qual os homens ditam as normas tanto individuais, quanto coletivas. Diante disso, o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho ainda não possibilita a superação das diferenças voltadas à igualdade, inclusive dentro do campo salarial, bem como no âmbito familiar, pois mediante uma educação considerada sexista, homens e mulheres tendem a ter papéis sociais diferentes na sociedade atual (Silva et al., 2005 como citado em D'Agostini et al., 2021).

O papel da mulher passou a ser introjetado como uma verdade em toda a construção social acerca de suas funções na sociedade, e com isso o empoderamento feminino vem com um tom de ameaça para muitos homens, por trazer consigo muitos aspectos importantes na vida da mulher: a tomada de consciência, autonomia e autoestima (Siqueira & Rocha, 2019). Cabe mencionar que o poder, na perspectiva dos homens, quando analisado sob a perspectiva de gêneros, é um instrumento de dominação que pode influenciar vários aspectos da vida da mulher (Obando, 2021).

Nesse contexto, pode-se entender a violência por parte do parceiro como qualquer ato que cause danos, sendo considerada uma violação dos direitos humanos das mulheres (D'Agostini et al., 2021). Dessa maneira, a violência contra a mulher é entendida como uma violência decorrente do gênero e é reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um problema de saúde pública. A OMS afirma que aproximadamente uma a cada quatro mulheres, que já estiveram em um relacionamento, já viveram algum tipo de relacionamento abusivo (Fbsp; Datafolha, 2019 como citado em Magalhães et al. 2022).

Observa-se que o relacionamento abusivo ultrapassa o limite de respeito e pode invadir até o âmbito moral. As violências podem estar presentes em diversos espaços, sendo as mulheres as que mais sofrem. Existem alguns tipos de violência: violência sexual, que se configura como um tipo de violência na qual o parceiro força o outro a contato sexual; violência física, que corresponde a um ato que afeta ou coloca em risco a saúde corporal; violência psicológica, relacionada a comportamentos que causam prejuízos emocionais a quem sofre; violência patrimonial, através do controle dos bens do outro; e a violência moral, conduta de calúnia, difamação ou injúria (Gomes & Assunção, 2021).

Esses tipos de violência podem ocorrer juntas ou de forma isolada. Dentro de um relacionamento abusivo, acontece uma violência que se configura dentro da relação amorosa, na qual o parceiro não tem um embate direto, porém lança mão de estratégias de controle, sendo o ciúme uma das principais formas (Lemos, Falcke & Oliveira, 2023).

Entende-se a violência contra a mulher como um fenômeno social e multifatorial. Os abusos que acontecem dentro de um relacionamento abusivo podem influenciar na saúde de quem os sofre, havendo relatos por parte das vítimas de marcas e prejuízos psicológicos (Tosta, 2017 como citado em D' Agostini et al., 2021). Existem barreiras que atravessam o comportamento de sair desse tipo de relação, dentre elas o sentimento de culpa, vergonha, isolamento e a dificuldade para fazer a denúncia contra o agressor (Gomes & Assunção, 2021).

A fim de mitigar e coibir a prática do abuso dentro das relações amorosas, algumas medidas vêm sendo tomadas, a exemplo a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio. A Lei Maria da Penha (11.340/2006) tem como origem o caso de Maria da Penha, uma mulher que passou por um histórico de violência doméstica por parte de seu marido, na qual foi alvo de tentativas de homicídio, causando grandes sequelas. Criada em 2006, buscou coibir a violência doméstica e familiar e integrar medidas punitivas ao agressor e de proteção à mulher que passa por algum tipo de violência. Esta lei tem como objetivo principal o combate à reprodução do comportamento da violência de gênero e trouxe para as leis brasileiras um grande avanço, sendo uma referência no combate da violência doméstica no Brasil, prevendo medidas protetivas de urgências e auxiliando as mulheres nesse combate (Lei 11.340, 2006, como citado em Silva, Sanches & Lopes, 2020).

Já a Lei do Feminicídio (13.104/2015) estabelece que o crime contra a mulher passa a ser considerado como hediondo. O feminicídio é entendido como um fenômeno social, sendo uma violência oriunda de uma cultura de desequilíbrio entre os gêneros, quando esta é motivada apenas pela condição de ser mulher (Oliveira et al, 2015 como citado em Souza et al., 2023). Antes de se tornar uma lei, o feminicídio era considerado um crime passionai, com apenas um ano de pena. Somente em 2015 houve a tentativa de compreender e mudar os critérios e tipos penais para considerá-lo como feminicídio e buscar garantir

os direitos da mulher (Lei nº 13.104, 2015 como citado em Souza et al., 2023). Entretanto, ainda existem falhas na aplicação e efetivação das leis, inclusive no tocante às medidas protetivas de urgência. As dificuldades que são encontradas no caminho mostram o cenário no qual o Brasil vive, gerando grandes riscos para as mulheres em situação de violência.

Dessa forma, a psicologia entende que é importante se atentar ao resgate da autoestima e dos desejos, colocando a vítima como protagonista de sua vida. Com isso, é necessário criar um espaço de escuta acolhedora e segura, no qual a vítima seja capaz de compartilhar suas experiências sofridas (D' Agostini et al., 2021).

Método

A presente pesquisa consiste em um estudo qualitativo. A pesquisa de abordagem qualitativa é adequada para obter uma compreensão das percepções e experiências das mulheres a partir de fontes secundárias, justificando-se a observação indireta pela análise de relatos previamente coletados em uma pesquisa de mestrado, sem intervenção direta do pesquisador.

O estudo foi realizado utilizando um banco de dados resultado de uma pesquisa do mestrado profissional em Psicologia da Saúde na Faculdade Pernambucana de Saúde – Recife-PE intitulada “As violências na perspectiva das mulheres e pessoas do gênero feminino: um estudo de corte transversal”. A dissertação de mestrado contou com 325 participantes, as quais responderam às questões por meio de um questionário virtual disponibilizado durante 15 dias no mês de maio de 2023 utilizando o método do Snowball Sampling para recrutamento das participantes. A referida pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde (conforme CAAE nº 65698322.7.0000.5569) e as participantes selecionadas responderam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início do questionário.

Os dados secundários utilizados no atual estudo foram selecionadas de acordo com a Análise Temática de Conteúdo a partir das recomendações de Bardin (2011), a qual pode ser arquitetada em três fases: a) pré-análise, a qual se inicia com a organização do

material para que se torne útil, com a sistematização das ideias; b) exploração do material, quando ocorre a codificação do estudo e a definição das categorias, para possibilitar a sua análise; e c) tratamento dos resultados, que busca analisar de forma reflexiva e crítica o que foi encontrado.

Na pré-análise, foi realizada uma leitura flutuante com foco nas respostas à questão “Qual fator contribuiu para o acontecido?” a fim de entender, na perspectiva das vítimas, qual foi o aspecto desencadeador para acontecer a violência dentro de um relacionamento amoroso. Com isso, utilizou-se como critério de inclusão os relatos cujos agressores eram: “namorado”, “ex-namorado”, “companheiro”, “ex-companheiro”, “ex-marido”, “marido”, “parceiro” e “ex-parceiro”, totalizando 118 participantes.

Na exploração do material, as falas das participantes foram analisadas a partir do conteúdo trazido por elas, com isso foi feita a categorização, a fim de subsidiar a análise. Foram encontradas 13 categorias, dentre elas estão: ciúme, uso abusivo de álcool, culpabilização das vítimas, machismo, patriarcado, viver um relacionamento abusivo, transgeracionalidade de comportamento, personalidade dos agressores, presença de algum transtorno mental nos agressores, narcisismo, dependência emocional, preconceito e falta de educação sexual.

Na última fase, proposta por [Bardin](#) (2011), o tratamento dos resultados, foi feita uma interpretação das categorias encontradas e uma análise reflexiva e crítica delas.

Tendo em vista que a presente pesquisa utilizou fontes secundárias, não foi submetida à aprovação pelo Conselho de Ética, porém resguardou o anonimato dos participantes e a segurança dos dados obtidos pela pesquisa original.

Resultados e discussão

Neste sentido, seguindo a terceira fase da Análise Temática de Conteúdo proposto por [Bardin](#) (2011), o presente estudo busca analisar a fala de 118 mulheres que sofreram algum tipo de violência (moral, psicológica, patrimonial, sexual e física), com faixa etária entre 18 e 66 anos, com média de idade igual a 39,42.

[D' Agostini](#) et al. (2021), em relato de experiência a partir do relato de 246 participantes, identificou que a predominância de mulheres que sofrem algum tipo de violência está entre a faixa etária de 16 e 25 anos, sendo 53,3% do total da amostra utilizada na pesquisa daquele autor. No entanto, a presente pesquisa encontrou apenas 18 participantes (15,25%) nesta faixa etária, divergindo dos achados da literatura majoritária.

Com relação à raça/cor, a predominância das participantes desta pesquisa, foi a branca (60,17%), enquanto, 26,27% se reconhecem como parda e 10,17% como preta. Nesse aspecto, os dados utilizados não corroboram os encontrados no Atlas da Violência 2024, o qual aponta que em 2022 foi verificado que 58,2% das vítimas de agressão no contexto doméstico e intrafamiliar, são mulheres e meninas negras ([Cerqueira & Bueno](#), 2024). Desta forma, a predominância de participantes brancas pode estar relacionada às desigualdades ao acesso da tecnologia, que podem refletir em disparidades raciais mais amplas. No que se refere à religião, houve uma predominância de participantes da religião católica (30,51%). Este dado difere dos achados de [Lemos, Falcke & Oliveira](#) (2023), quando foi constatado que a maior parte da população de sua amostra se considera evangélica, sendo a religião católica o segundo lugar.

Foi observado que 87,29% das mulheres possuíam atividade remunerada, com a renda variando entre R\$5,00 a R\$51.000,00. Destas, o estudo da mediana apontou para uma renda inferior a R\$4.260,20 na metade das participantes. Os achados da literatura corroboram os dados desta pesquisa, os quais identificaram que a maioria da população da pesquisa tem renda de, aproximadamente, 2 a 3 salários-mínimos ([Lemos, Falcke & Oliveira](#) 2023).

Em relação à escolaridade, a pesquisa teve resultados que variaram de ensino fundamental completo (5,08%) a superior completo (75,42%) sendo esta, a predominante na amostra. Pode-se observar que a violência contra mulher pode acontecer dentro de qualquer ambiente e cultura. Ao olhar para a literatura, nas pesquisas encontradas, as mulheres com mais de oito anos de estudos têm maior notificação de violência, entretanto, a baixa escolaridade é apontada como um fator de risco para os acontecimentos de uma violência dentro do relacionamento ([Ferreira](#) et al., 2020).

Das participantes, 44,92% eram solteiras, 28,81% casadas, 12,71% estavam em união estável, 11,86% divorciadas/separadas e 1,69% viúvas. Dentre elas, 57,63% possuíam filhos, tendo 2 filhos a maioria (30,51%). Nesse sentido, os dados contrariam a literatura, a qual relata uma maior quantidade de notificações de violência entre mulheres que possuem algum parceiro. Em relação à quantidade de filhos, também contraria os dados da literatura, os quais afirmam que a grande maioria das mulheres apresenta apenas um filho. No entanto, o número de filhos não mostrou correlação com a prevalência de casos de violência contra a mulher ([Lemos, Falcke & Oliveira, 2023](#)).

No que se refere ao agressor, foram citados o ex-namorado, ex-marido/companheiro, namorado e marido (a dissertação de mestrado que serviu de fonte secundária para a presente pesquisa não avaliou o momento da agressão - se durante o relacionamento e/ou a posteriori). Quanto à tipologia da violência, 92,30% já sofreram violência psicológica, 66,10% violência física, 33,90% violência moral, 20,30% violência sexual e 17,70% violência patrimonial.

No que concerne à identificação de aspectos que contribuíram para o contexto de violência sofrido nas relações amorosas, as participantes citaram o ciúme, conforme descrito nas falas a seguir:

“Ciúme excessivo e doentio” Participante nº 58

“Ciúmes e possessividade” Participante nº 77

“Ciúme do meu ex namorado” Participante nº 92

O ciúme consiste em um sentimento que é manifestado por uma reação de ameaça, que tem um significado de proteção e cuidado e por isso acaba se tornando aceito pela sociedade. Entretanto, pode ter relação com uma percepção distorcida de posse pelo seu parceiro, existindo como um fator contribuinte para limitar a autonomia da vítima ([Santos et al., 2019](#)).

Diante disso, o ciúme pode ser identificado como uma possível causa para o acontecimento da violência psicológica dentro de um relacionamento. Ao olhar de outra perspectiva, o ciúme pode ser uma das manifestações da insegurança masculina e podendo gerar comportamentos de controle por parte do parceiro. Com isso, a normalização de comportamentos que se baseiam em ciúme pode acabar evoluindo para agressões mais graves, contribuindo para o acontecimento

da violência contra a mulher dentro de um relacionamento amoroso ([Siqueira & Rocha, 2019](#)).

O uso abusivo do álcool foi identificado, na perspectiva das vítimas, como um dos possíveis aspectos que contribuíram para a violência, pode ser identificado nas seguintes falas das participantes:

“Bebida e ciúmes” participante nº 101

*“Insegurança masculina e uso abusivo de álcool”
participante nº 75*

“Raiva e álcool” participante nº 55

O álcool é uma das drogas lícitas mais consumidas no mundo, dessa forma, a literatura afirma que é possível observar uma relação entre o acontecimento da violência e o uso de álcool. Em estudo transversal-exploratório realizado com 152 homens em custódia em Fortaleza (CE), foi identificado que 38,1% dos homens que agrediram mulheres haviam feito uso de bebida alcoólica ([Santos et al., 2019](#); [Oliveira & Pachú, 2022](#)). Com isso, é possível perceber que o álcool contribui para o acontecimento da violência, pois pode influenciar o parceiro a cometer ataques verbais e pode ser enxergado como um potencializador para o acontecimento da violência dentro de relacionamento amoroso, não sendo considerado como o único fator ([Santos et al., 2019](#); [Oliveira & Pachú, 2022](#)).

Outro fator contribuinte citado pelas participantes é a sua culpabilização como o principal fator para ocorrer a violência, podendo ser identificado nas seguintes falas:

“Achava que ele estava certo” Participante nº 78

“Minha vontade de agradar” Participante nº 51

“Eu não soube colocar limites” Participante nº 102

“Falta de administração” Participante nº 72

“O fato de me sentir sozinha” Participante nº 84

A literatura refere que as mulheres assumem a culpa e identificam o seu comportamento como errado e o atribuem como causa para a ocorrência da violência ([Carvalho et al., 2019](#) como citado em [Oliveira & Pachú, 2022](#)). Salienta-se que, a cultura na qual está inserida, influencia na forma como se dá a

culpabilização da vítima, visto que é a partir desta que as práticas e entendimentos são reproduzidos na atualidade. Com isso, é evidenciado que a culpabilização feminina atravessa gerações, impactando o discurso atual dessas mulheres que são vítimas de violência e encontram a causa para o acontecimento em si mesmas (Zibenberg & Fonseca Costa, 2023).

As participantes também apontaram o machismo como um dos fatores que contribuem para a violência, evidenciado nas seguintes falas:

“Sim, o fato de eu ser mulher” Participante nº 121

“Por ser mulher.” Participante nº 42

“Me parece que para um homem ‘sair bonito’ em relações onde foram moral, emocional, fisicamente muito nocivos, toda sorte de mentiras e inversão total de histórias contadas, de formas que a mulher invariavelmente foi a ‘causa’ dos atos mais primitivos e torpes por eles cometidos.” participante nº 113

O machismo é considerado uma expressão a qual tem por objetivo a inferiorização do gênero feminino. Ao analisar a literatura, pode-se encontrar estudos que referem a desigualdade de gênero como um dos aspectos desencadeadores para a ocorrência da violência psicológica dentro de um relacionamento amoroso. Dessa forma, pode-se entender que comportamentos são considerados herança dos tempos passados, nos quais existem papéis definidos de acordo com seu gênero, levando, muitas vezes, mulheres a serem obrigadas a passar por situações desagradáveis sem poder reivindicar os seus direitos (Siqueira & Rocha, 2019).

O patriarcado também foi outro fator que apareceu nas falas das participantes, sendo apontado como um fator que contribuiu para o acontecido presente nas seguintes falas:

*“Crença da pessoa de detentor do poder.”
Participante nº 91*

“Não acredito que tenha um motivo mas toda uma construção social permeado pelo patriarcado e pela violência” Participante nº 46

“Machismo e patriarcalismo” Participante nº 49

O patriarcado pode ser entendido como como a inferiorização da mulher quando se relaciona ao

homem, podendo também ser entendido a partir das relações de poder, nas quais a figura masculina possui o privilégio e o controle sobre a sociedade ou até mesmo sobre o corpo das mulheres. Dessa forma, a literatura afirma que a manifestação de poder que mais atravessa as mulheres é a violência, sendo muitas vezes aceita em uma sociedade que possui a cultura patriarcal. Com isso, a visão conservadora presente na sociedade assume também um papel causador da violência contra a mulher, pois muitas vezes o homem assume o papel de perpetrador da violência pela necessidade de manter o controle e o poder dentro de suas relações amorosas (Siqueira & Rocha, 2019).

Outro fator citado pelas entrevistadas é o relacionamento abusivo, que pode ser observado nas seguintes falas:

“Relação tóxica” Participante nº 12

“Estar em uma relação abusiva” Participante nº 110

“Desentendimentos e discussões” Participante nº 88

Diante das falas, torna-se necessário entender o conceito de uma relação abusiva, que pode ser compreendida como um relacionamento permeado por humilhações, abusos e controle, podendo ou não evoluir para uma agressão física por parte do parceiro, sendo um fator contribuinte para o acontecimento da violência dentro do relacionamento. Diante disso, a violência física não vai necessariamente acontecer dentro destes tipos de relacionamento, podendo se verificar outros tipos de violências e abusos. Com isso, um relacionamento abusivo tem suas características que, por si só, torna-se um fator de risco para o acontecimento da violência (Zibenberg & Fonseca Costa, 2023).

A transgeracionalidade de comportamento é um fator que foi evidenciado nas falas como contribuinte para o acontecimento da violência:

“Muitas vezes ensinamos as crianças a serem ‘boazinhas’ e concordarem com tudo, acabamos criando adultos permissivos, que aceitam qualquer imposição” Participante nº 84

*“Ausência de afetividade por parte do genitor. Comportamento autoritário, violência doméstica.”
Participante nº 36*

Acerca disto, a literatura relata que pessoas que vivenciaram algum tipo de violência na sua família de origem tendem a entender o ato da violência como um acontecimento natural dentro de um relacionamento. Dessa forma, entende-se que o aprendizado de comportamento pode ser passado através de gerações e a relação entre o agressor e as figuras materna e paterna serão vistos também como contribuintes para a violência (Haack & Falcke, 2020). Com isso, as falas apresentadas podem evidenciar que os aspectos atribuídos corroboram com os apresentados na literatura. Os padrões que existiram nas famílias de origem tanto do agressor quanto da vítima podem afetar na forma como vivenciam as experiências dentro de um relacionamento amoroso que tem a presença de algum tipo de violência (Magalhães et al., 2022). É válido ressaltar que o agressor que viu sua mãe sendo agredida aumenta as chances de cometer algum tipo de violência dentro do relacionamento, sendo considerado mais prevalente do que quando comparado com as vítimas que presenciaram algum tipo de agressão (Marasca et al., 2017 como citado em Magalhães et al., 2022).

Outro fator citado como possível motivador para a violência foi a personalidade dos agressores:

“Mau caráter” Participante nº 8

“A falta de caráter do agressor” Participante nº 109

*“A pessoa agiu dessa forma porque é ruim.”
Participante nº 38*

“Da minha parte não. Da dele: ciúmes, possessividade, canalhice” Participante nº 117

A personalidade é entendida como um conjunto de traços psíquicos que contém as características individuais do sujeito e a sua relação com o meio em que vive. Com isso, alguns autores afirmam que a personalidade é formada por alguns componentes, dentre eles o temperamento, o qual é constituído por fatores genéticos que formam a essência genérica da personalidade, explicando o fato de algumas pessoas já nascerem com um temperamento mais passivo. Outro constituinte é o caráter, entendido como o elemento constituído pelo psicossocial e sociocultural do indivíduo e que está conectado às especificidades psicológicas da personalidade (Dalgalarrodo, 2019).

Dessa forma, após entender a constituição da personalidade, pode-se relacionar os motivos relatados pelas participantes ao identificarem um desvio de caráter em seus agressores, corroborando com o fato de que alguns fatores da personalidade influenciam o comportamento violento dos agressores (Carpane, Lourenço & Bhona, 2019).

Outro fator atribuído pelas mulheres à prática da violência é a constatação de que os agressores possuem algum transtorno mental:

*“O ex namorado ser um louco psicopata”
Participante nº 96*

*“Ex namorado manipulador com doença mental”
Participante nº 96*

Diante disso, a literatura afirma que parceiros que possuem algum distúrbio na personalidade são mais propensos a cometer algum tipo de violência dentro de uma relação íntima, sendo considerado um fator de risco (Carpane, Lourenço & Bhona, 2019). Diante do relato das participantes, percebe-se uma predominância nos discursos que apontam estes transtornos como a causa da violência perpetrada, alinhando-se à tentativa de “explicar” o fato ocorrido. Os achados apontam que existem diferentes transtornos de personalidade, como o transtorno de personalidade antissocial, conhecido pelas personalidades psicopatas, sendo aquelas que causam algum sofrimento à sociedade. Pessoas acometidas com esse transtorno possuem algumas características que são importantes para que aconteça o diagnóstico: ausência de remorso, irritabilidade e agressividade, impulsividade, dentre outras (Dalgalarrodo, 2019).

O narcisismo foi um fator ao qual as participantes atribuíram ao acontecimento da violência:

“narcisismo - machismo - ciúme” Participante nº 105

“Ele era narcisista” Participante nº 70

“narcisismo - bebida” Participante nº 105

Desta maneira, o narcisismo pode ser entendido como investimento do sujeito em si mesmo, entendido para a psicanálise como a forma na qual o sujeito mantém a relação libidinal com ele mesmo. Para melhor explicar a origem do termo narcisismo, é utilizado o “mito de Narciso”, o qual conta a história de Narciso.

O protagonista chama a atenção da ninfa Eco e, após desprezar o seu amor, é levado a se apaixonar por si mesmo ao ver o seu reflexo na água. A partir deste mito, a psicanálise afirma que o narcisismo é natural em todos os indivíduos (Ullrich & Rocha, 2019). Com isso, o narcisismo varia entre o que é considerado saudável, que se demonstra através de estratégias que possuem motivação para a construção de uma autoimagem positiva, e o que é considerado patológico, que pode ser compreendido em processos que provocam estresse e comportamentos disfuncionais nos indivíduos (Dantas, 2023). O DSM-5-TR reconhece o narcisismo patológico como o transtorno de personalidade narcísica, possuindo alguns critérios que são utilizados para o diagnóstico: arrogância, senso de grandiosidade (irreal) de si, fantasias de sucesso pessoal etc. (Dalgalarrodo, 2019). Diante disso, a literatura afirma que indivíduos que possuem um nível alto de narcisismo apresentam maior probabilidade de utilizar a agressão como uma estratégia, visto que os traços narcísicos podem desencadear comportamentos violentos por estarem relacionados ao modo como os sujeitos se relacionam com seus parceiros íntimos (Dantas, 2023).

Dentre outras questões trazidas pelas mulheres, a dependência emocional foi relatada como uma de suas causas:

*“Dependência financeira e emocional”
Participante nº 113*

“Vulnerabilidade emocional na época e desconhecimento da violência” Participante nº 100

“Não terminar relacionamento” Participante nº 78

“Prefiro acreditar que foi por excesso de cuidado daqueles em casa, na época.” Participante nº 114

Diante das falas apresentadas, pode-se entender a dependência emocional como uma aproximação afetiva exacerbada a outras pessoas, sendo considerada disfuncional e podendo até ser entendido como um transtorno, que possui uma necessidade da pessoa que cuida e pode apresentar comportamentos submissos e medo de separação (Espírito Santo, Nonato & Silva, 2022). A dependência emocional pode ser uma característica de pessoas nas quais as demandas emocionais não foram supridas na infância, retornando na vida adulta de forma patológica, e geralmente está associada a baixa autoestima ou

submissão ao parceiro com relatos frequentes de medo de ficar sozinho. Ao olhar para um relacionamento abusivo, podemos entender que a dinâmica da violência desses começa de forma progressiva e, assim, esses comportamentos agressivos por parte do parceiro são vistos como algo “normal” pela vítima justificados pelo amor que sente pelo companheiro e pelo desejo de aprovação, não sendo detectados e reforçando o ciclo de violência dentro do relacionamento amoroso (Ramos et al., 2020).

Espírito Santo, Nonato & Silva (2022) citam Bution e Wcheler (2016), afirmando que nas relações de dependência emocional, a vítima possui necessidade de afeto extremo e busca no parceiro satisfação e segurança. Com isso, no sexo masculino, a dependência pode se mostrar através do ciúme, raiva, dor e desconfiança. Os autores afirmam que quando os indivíduos dependentes perdem a pessoa que amam, tentam de todas as formas trazê-la novamente para sua vida. Quando falham, podem expor a sua vulnerabilidade, impulsividade e a baixa tolerância à frustração. Dessa maneira, dentro dos relacionamentos amorosos, o dependente pode muitas vezes se expressar por ciúmes e possessividade, tornando-o uma pessoa tóxica, chamando atenção para si mesmo de uma forma disfuncional (Sophia, 2008 como citado em Espírito Santo, Nonato & Silva, 2022). É possível identificar esse tipo de comportamento nas seguintes falas:

“Não existia proibição explícita, mas as falas dele me impediam de escolher como viver” Participante nº 34

*“Não aceitar o fim do relacionamento”
Participante nº 37*

“A pessoa não estava preparada e não aceitava que eu estivesse gestando” Participante nº 114

Outro fator trazido pelas mulheres foi o preconceito, evidenciado nas seguintes falas:

“O agressor era de outra religião,” Participante nº 29

“Preconceito e posse” Participante nº 69

“racismo” Participante nº 104

O preconceito pode ser entendido como um valor preconcebido sobre algo ou alguém, algum comportamento de repúdio que é demonstrado através da

discriminação de grupo religiosos, pessoas e ideais. As atitudes preconceituosas podem ser voltadas para diferentes grupos, como o preconceito contra as mulheres, os homossexuais, a pessoa idosa, dentre outros (Lima, 2023). Dessa maneira, um relacionamento pode ser atravessado por situações preconceituosas, como o de gênero, nos quais muitas vezes a mulher é vista como inferior ao homem, incapaz de assumir os papéis de poder e colocada como alvo dos preconceitos e da desvalorização perante a sociedade (Silva, Sanches & Lopes, 2020).

A população negra é permeada pela herança de um passado da sociedade escravocrata, que atribui uma desvalorização à pessoa negra, à sua cultura e à sua religião. Existem muitos estigmas relacionados a essa população, como a hipersexualização do corpo da mulher preta, evidenciando a interlocução do racismo e da violência sexual dentro de um relacionamento amoroso (Devulsky, 2021 como citado em Bastos & Souza, 2023)

Algumas participantes relataram que a falta de orientação sexual, entendida como a falta da educação sexual para se viver um relacionamento, pode contribuir para a violência dentro do relacionamento:

“Um ex namorado no início da minha vida sexual na verdade me convenceu a começar tomar anticoncepcional, não sendo iniciativa minha e que me gerou muitos efeitos colaterais, mudanças no meu corpo, perca (sic) no meu desempenho na dança... até eu decidir que não queria mais e parar. Me arrependo de ter tomado. Até hoje, mesmo casada uso preservativo como método contraceptivo.”
Participante nº 103

“Minha falta de conhecimento de que eu poderia negar sexo a um namorado e a um ficante que queria um ménage. Nos dois casos, hoje em dia, percebo que não sentia vontade de transar naquele momento.”
Participante nº 93

“Falta de orientação e conhecimento”
Participante nº 108

Entende-se, por educação sexual, discursos voltados para hábitos biológicos, psicológicos e socioculturais da sexualidade, além de questões relacionadas ao corpo e gênero, prevenções e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez indesejada e o abuso sexual. Com isso, também busca fazer com que as pessoas tenham apropriação de seu corpo, incentivando a

consciência de que o seu corpo só deve ser tocado com o seu consentimento (Maia e Ribeiro, 2011 como citado em Obando, 2021). É muitas vezes nas escolas que esse conhecimento se inicia, para que desde a infância possam crescer pessoas que tenham a noção de seu corpo. A educação sexual, portanto, assume um papel fundamental na vida do ser humano para que tenha consciência de seu corpo e de suas vontades e que pode ser considerada como um fator protetivo para o acontecimento da violência sexual (Obando, 2021).

Considerações finais

Ao longo do estudo, foram discutidos aspectos acerca das formas de relacionamentos, com ênfase nos relacionamentos amorosos abusivos. A estrutura da sociedade acerca da dicotomia dos papéis baseados no gênero demonstra que há uma base machista e patriarcal e isso influencia os relacionamentos amorosos. Embora já tenha avanços no campo jurídico, a legislação ainda encontra desafios para efetividade da aplicação, levando aos altos índices de violência ainda existentes. Neste estudo, foram identificados os tipos de violência, sendo eles a violência física, a psicológica, a sexual, a moral e a patrimonial, tendo como perpetradores companheiro, ex-companheiro, namorado, ex-namorado, marido e ex-marido.

Diante dos resultados encontrados, diferentes aspectos foram identificados nas falas das participantes como contribuintes para a violência dentro da relação, como o ciúme, uso abusivo de álcool, culpabilização das vítimas, machismo, patriarcado, viver um relacionamento abusivo, transgeracionalidade de comportamento, personalidade dos agressores, presença de algum transtorno mental nos agressores, narcisismo, dependência emocional, preconceito e falta de educação sexual. Assim, é notório que para as vítimas existe uma extensa multifatorialidade para a incidência da violência.

O estudo teve como limitação o uso de dados secundários, o que impossibilitou o aprofundamento de algumas informações fornecidas pelas participantes. Embora o banco de dados utilizado contasse com 325 participantes, foi preciso utilizar critérios de inclusão para que fossem consideradas apenas mulheres que sofreram violência praticada pelo parceiro ou ex-parceiro amoroso, tendo a amostra final sido reduzida em 118.

Apesar da limitação, o artigo teve como proposta abordar um tema que é de muita relevância na sociedade visto que a mulher é, muitas vezes, colocada à margem da sociedade machista e patriarcal, o que influencia na forma como ela pode viver um relacionamento amoroso, enfatizando a necessidade de mudanças culturais e mais políticas públicas que sejam eficientes no combate a violência. O texto buscou demonstrar que é necessário estimular o debate sobre essa temática, reforçando a importância de futuras pesquisas com essa temática, para que cada vez mais as mulheres possam ocupar o seu lugar na sociedade e dentro de um relacionamento.

Contribuições dos autores

Os autores declararam ter feito contribuições substanciais ao trabalho em termos da concepção ou desenho da pesquisa; da aquisição, análise ou interpretação de dados para o trabalho; e da redação ou revisão crítica de conteúdo intelectual relevante. Todos os autores aprovaram a versão final a ser publicada e concordaram em assumir a responsabilidade pública por todos os aspectos do estudo.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bastos, J. E. S., & Souza, T. M. C. (2023). Intersecções entre racismo e violência nas relações amorosas inter-raciais de mulheres negras. *Revista da SPAGESP*, 24(2), 41-53. <https://nesme.emnuvens.com.br/SPAGESP/article/view/60>
- Carpane, T. G., Lourenço, L. M., & Bhona, F. M. C. (2019). Violência entre parceiros íntimos e uso de álcool: estudo qualitativo com mulheres da cidade de Juiz de Fora-MG. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(2), 18. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v14n2/12.pdf>
- Cerqueira, D., & Bueno, S. (Coord.). (2024). *Atlas da violência 2024: retrato dos municípios brasileiros*. Ipea; FBSP. <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/15ed8176-7e93-4b70-b01f-5a767f64269b/content>
- Costa, N. B. A., & Modesto, J. G. (2020). Representação social do relacionamento amoroso saudável. *Revista de Psicologia da IMED*, 12(1), 100-115. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i1.3497>
- D' Agostini, M., Zanin, C. A. S., Moro, C. D., Czismoski, D. F., Giacometti, E., Oliveira, J. C. S. D., Basso, T. R. S., & Algeri, V. (2021). Representações sociais sobre relacionamento abusivo. *Brazilian Journal of Development*, 7(2), 20701-20721. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-627>
- Dalgalarro, P. (2019). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais* (3ª ed.). Artmed.
- Dantas, M. I. A. (2023). *Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos em Estudantes Universitários Portugueses: A importância das variáveis Autoestima e Narcisismo* [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra]. <https://hdl.handle.net/10316/110113>
- Espírito Santo, R., Nonato, G. R. B., & Silva, A. M. B. (2022). Dependência emocional em relacionamentos amorosos: uma proposta de intervenção com mulheres. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 43(1), 55-70. <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2022v43n1p55>
- Ferreira, P. C., Batista, V. C., Lino, I. G. T., Marquete, V. F., Pesce, G. B., Marcon, S. S. (2020). Caracterização dos casos de violência contra mulheres. *Revista de Enfermagem UFPE Online*, 14, 1-6. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/243583>

- Gomes, L. K. G. R., & Assunção, M. M. S. (2021). Relacionamentos amorosos abusivos. *Pretextos*, 6(12), 271-294. <https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/28325>
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2020). Seria o ciúme mediador entre as experiências na família de origem e a violência física na conjugalidade? *Psico-USF*, 25(3), 425-437. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712020250303>
- Lemos, D. C., Falcke, D., & Oliveira, E. L. (2023). Ciúme, Violência Conjugal e Saúde Mental: Prevalência e Fatores Associados. *Quaderns de Psicologia*, 25(2), 5. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1921>
- Lima, M. E. O. (2023). Preconceito. In A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, E. M. Techio & L. Camino (Orgs.), *Psicologia social: Temas e teorias* (405-444). Edgard Blücher.
- Magalhães, R. S. R., Monteiro, S. C., Azevedo, R. L. W., & Ferreira, E. H. M. (2022). Relacionamentos abusivos à luz da terapia dos esquemas: uma revisão sistemática. *Research, Society and Development*, 11(14), e291111436131. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36131>
- Moraes Filho, I. M., Carvalho, L. F., Melo, L. E., Di Marcelo, M. R., Santos, Y. M., & Faria, M. R. G. V. (2019). Construção do instrumento para avaliação da tolerância nas relações de amizade. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, 8(1), 71-79. <https://rdcsa.emnuvens.com.br/revista/article/view/698>
- Obando, J. M. (2021). *Educação Sexual: O Papel da Escola na Prevenção da Violência Sexual contra as Mulheres* [Dissertação de mestrado, UNICEUB]. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/16758>
- Oliveira, L. V. B., & Pachú, C. O. (2022). A correlação entre o abuso do álcool e a Violência por Parceiro Intimo (VPI): uma revisão integrativa. *Revista Mosaico*, 13(1), 25-33. <https://doi.org/10.21727/rm.v13i1.3077>
- Ramos, G. E. H., Muñoz, J. V. I., Ponce, V. M. V., & Cataño, C. R. (2020). Dependencia emocional y su relación con la violencia en parejas. Una aproximación descriptiva a la revisión de literatura [Dependência emocional e sua relação com a violência entre casais. Uma abordagem descritiva da revisão de literatura]. *Desafios*, 11(2), 165-170. <https://doi.org/10.37711/desafios.2020.11.2.211>
- Santos, M. S., Macena, R. H. M., Mota, R. M. S., Souza, W. M., Sousa, J. E. P., Cavalcante, F. W.S., & Câmara, K. J. C. (2019). Fatores associados ao uso do álcool entre homens autores de violência por parceiro íntimo no Ceará. *Journal of Health & Biological Sciences*, 7(4), 341-350. <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i4.2677.p341-350.2019>
- Silva, D. C. S., Sanches, M. M., & Lopes, V. F. B. (2020). A idealização do relacionamento abusivo e a Lei Maria da Penha. *Brazilian Journal of Development*, 6(9), 72949-72953. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n9-664>
- Siqueira, C. A., & Rocha, E. S. S. (2019). Violência psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)*, 2(1), 12-23. <https://doi.org/10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n1p12-23>
- Souza, C. S., Schneider, G. S., Flegler, E. E. P., & Oliveira, M. V. S. (2023). Um estudo sobre a história da lei do feminicídio. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, 3(1). <https://www.revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1279>
- Ullrich, A., & Rocha, G. A. (2019). A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea. *Cadernos da FUCAMP*, 18(36), 35-50. <https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2040>
- Zibenberg, D., & Fonseca Costa, L. B. M. (2023). O que é abusivo: Uma revisão sobre relacionamentos abusivos. In *E-Publicar. Psicologia e Cultura: Abordagens, reflexões e implicações da psicologia na sociedade contemporânea* (Vol. 1, Cap. 3). <https://doi.org/10.47402/ed.ep.c2311283289>